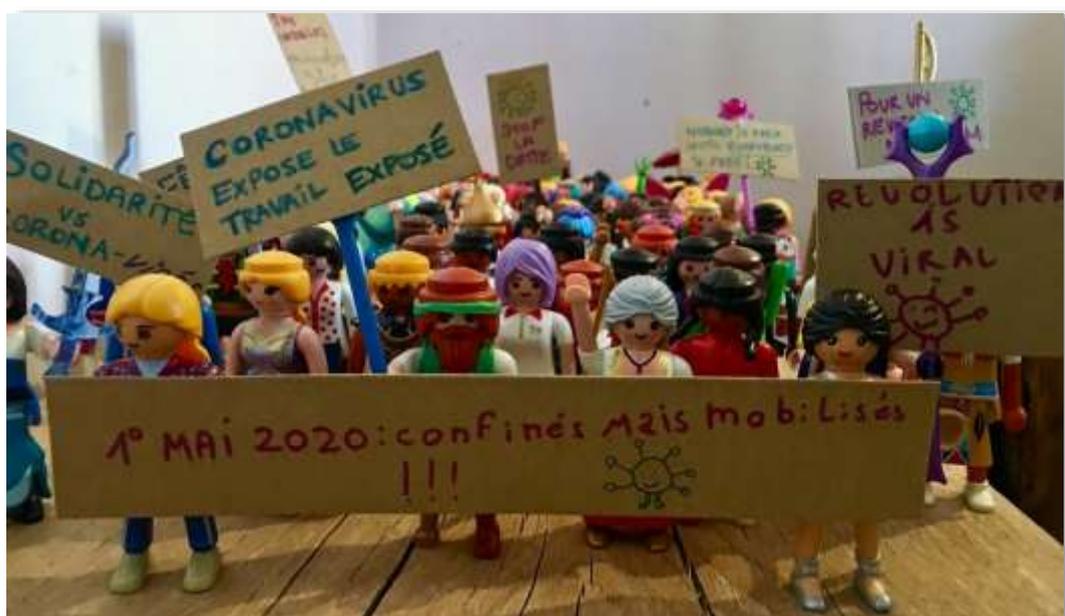




Impactos da pandemia Covid-19 no Programa Institucional de Internacionalização



Desfile de 1º de maio de 2020 – A Revolução é viral. Quem manda no mundo? Microbos. Contribuição da professora Emilia Sanabria, da França, que publicou uma série de fotografias e o relato do trabalho coletivo da filha de 10 anos e seus amigos, feito à distância.

O segundo boletim do Capes-PrInt, do Subprojeto “Práticas culturais, educação e direitos humanos: violências, gênero, diversidade”, coordenado pelo PPGICH, tem como objetivo trazer ao conhecimento da comunidade acadêmica e da sociedade o conjunto de atividades que desenvolve. Nossa intenção é relatar como acontece a internacionalização da ciência em tempos de Covid-19.

Para isso convidamos as bolsistas do Subprojeto a fazerem uma reflexão sobre esses tempos de pandemia em que vivemos: Onde você está e como está a realidade da pandemia nesse território? Que medidas vem sendo tomadas? Como é estar em outro contexto vivendo a pandemia? Como está sua pesquisa em tempos de covid-19? Você avançou na pesquisa e estudos, como redirecionou suas atividades? Qual é o aprendizado desse processo em um lugar outro? Que recado você envia ao Brasil?

Os relatos são diversos e emocionantes. Do Brasil, da América Latina e da Europa ecoam as vozes dessas mulheres pesquisadoras nas ciências humanas, comprometidas com seus projetos de pesquisas, que buscam se adaptar a um novo modo de vida, lidando com incertezas e saudades, mas com uma certeza: tudo isso um dia vai passar.

NESSA EDIÇÃO

- ✓ Pesquisadoras do PrInt e a pandemia Covid-19
- ✓ PROPG suspende processo seletivo 2020
- ✓ Pesquisadoras na UFSC mantém atividades on-line
- ✓ Pesquisa envolve crianças em quarentena
- ✓ Congresso Mundos de Mulheres será em 2021

Professora Visitante no Exterior (PVE)



Joana em frente a um mural na UNAM

Estive em pós-doutorado na Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM), no *Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades* (CEIICH), desenvolvendo estudos acerca de políticas afirmativas no ensino superior. A pesquisa centrou-se em identificar e analisar políticas e programas para a superação/redução do racismo no ensino superior mexicano, tendo como referência o *Programa Universitario de Estudios de la Diversidad Cultural y la Interculturalidad* (PUIC/UNAM).

O período previsto era 10/10/2019 a 20/03/20, contudo, antecipei meu retorno ao Brasil em quatro dias (16/03), levando em conta quatro fatores: 1) a declaração da OMS em 11 de março de que se tratava de uma pandemia; 2) meu histórico de doenças respiratórias; 3) o prazo de vencimento do seguro saúde e 4) o alerta de que as fronteiras poderiam ser fechadas. Nesse momento já havia 82 casos de Covid-19 identificados, mas, na Cidade do México tudo estava em pleno funcionamento.

Embora tenham sido poucos dias para a decisão de antecipar ou não meu regresso, estes, foram de muita apreensão e dúvidas em relação as informações locais e a quais procedimentos tomar. As tentativas de contato com o consulado brasileiro, foram frustradas e a CAPES, responsável pela bolsa e bilhetes aéreos, somente respondeu a um dos e-mails, lamentavelmente, dias depois de eu me encontrar no Brasil. Ainda aguardo deliberação sobre o ressarcimento do valor pago pela antecipação do bilhete aéreo do meu retorno.

As minhas últimas atividades públicas no México foram o 8M, que aconteceu no dia 7 de março, e o Seminário Permanente Afroindoamérica, no dia 10 de março. A partir daí, adotei individualmente medidas de distanciamento social ao perceber que as ações do poder público mexicano demorariam. Três dias antes de meu regresso, em 13 de março, a UNAM deliberou a suspensão das atividades acadêmicas presenciais. Somente no dia 31/03 o governo mexicano declarou estado de emergência de saúde por causa do novo coronavírus.

Nesse tempo de quase seis meses na Cidade do México, foi possível mergulhar e conviver no contexto afromexicano da sociedade civil e acadêmico. A interlocução com a *Red de Mujeres Afromexicanas da Ciudad de México*, com os diversos grupos no *Encuentro de Pueblos Negros*, com pesquisadoras/es do *Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades* e do *Centro de Investigaciones sobre América Latina y el Caribe* tive interlocuções significativas com a Dra. Martha Patricia Castañeda Salgado, com o Dr. Jesús Serna Moreno, com a Dra. Olivia Gall e com a Dra. *Elia Avendaño Villafruerte*. Foram convivências de grande importância para a ampliação do olhar sobre o racismo, a ideologia da mestiçagem e o mito da democracia racial. Sobre o que dizem academia e sociedade civil acerca do racismo e suas estratégias de enfrentamento, além das divergências existentes. Em relação ao plano de trabalho da pesquisa, foi realizado como previsto, não foram necessárias alterações, tendo em vista estar em fase de finalização quando a pandemia do coronavírus se mostrou no México. Além de todos os aprendizados cotidianos com o povo mexicano, fica também desse período a constituição da *Red de Investigaciones Afrolatinoamericanas* (RIALA), atualmente com 67 membros, e a proposta de acordo de cooperação entre UFSC e UNAM, em trâmite.

Joana Célia dos Passos - Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação e no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas - UFSC

Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE)

Sou Ana Luíza Casasanta Garcia e estou realizando o PDSE em Granada, *España*, desde janeiro. Sobre a realidade atual, o estado de alerta aqui começou dia 14/03/2020. O cenário não está muito favorável. Porém observo que o país tem tomado as medidas necessárias e as pessoas estão levando a sério a situação. A *España* está recebendo apoio da União Europeia e da China e as medidas em vigor são as mesmas adotadas em Wuhan, berço do COVID-19 na China. Como segundo colocado em número de óbitos pela doença, o monitoramento aqui está sendo bem direcionado: controle assíduo da polícia, álcool em gel e luvas na entrada dos supermercados (onde só entra uma pessoa por vez) e multas. No início, senti um desespero geral: pessoas fazendo estoques de mercadorias, surtos coletivos, supermercados vazios, um corre-corre para o preparo “do fim do mundo”. No entanto, aos poucos, as coisas estão se ajustando. Infelizmente, todos os seminários do programa de doutorado aqui foram cancelados, sem a possibilidade de realização on-line. Em tempos de COVID-19, o PDSE está também em crise. Ainda mantenho contato com minha orientadora por e-mail, conversamos sobre a pesquisa e nos apoiamos. A princípio, o estado de alerta aqui será até dia 26/04/2020, e, após isso, pretendemos retomar as atividades. Entretanto, ainda não sabemos. São tempos difíceis, delicados e ambivalentes. Para os brasileiros, gostaria de fazer um convite para que eles fiquem em casa, informem-se e procurem agir em prol do coletivo. O momento que estamos vivendo precisa de atenção. O mundo não parou por conta de uma “gripezinha”. Pessoas estão morrendo, profissionais estão se desdobrando para conter a situação. Não é brincadeira. Não estamos de férias. Aqui, também deixo meu sincero agradecimento à todos aqueles que estão nas ruas: carteiros, lixeiros, profissionais da saúde, atendentes dos supermercados e farmácias, pessoas que não tem a opção de ficar em casa. Todos merecem aplausos. E, aos que estão em casa, faço um convite para refletirem sobre o que estamos passando e a agirem pensando na coletividade. Um abraço virtual da *España*.

Ana Luíza Casasanta Garcia – Psicóloga, Doutoranda no PPGICH/UFSC. Mestre em Psicologia e Cultura- Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisadora no Laboratório de Novas Tecnologias-LANTEC/UFSC



Ana Casasanta realiza seu Sanduíche em Granada - Espanha



Elaine está em Buenos Aires desde o início de março. Na foto ela se prepara para a marcha do 8M

Aqui em Buenos Aires, onde estou desde 02 de março, dia que antecede a confirmação do primeiro caso de doença e morte causada pelo novo covid-19, a realidade me parece um campo de interesses conflituosos, com propagação de divergentes visões. É ainda difícil assimilar o caminho “perfeito”. Por um lado temos o Presidente Alberto Fernández fazendo longos discursos semanais em rede nacional sobre as ações de controle e segurança que vêm sido tomadas pelo seu governo, e que aponta grande satisfação por parte da população (ao mesmo tempo em que exclamam, aliviados “que bom que não é o Macri!”). Por outro, aumentou o desemprego, os preços de alimentos sobem indevidamente (quando não a venda de produtos apodrecidos) e a angústia parece se espalhar de

forma rápida.

Nos noticiários nacionais, que como em todas as partes do mundo voltaram máxima atenção para o tema, a busca pela incessante atualização dos dados sobre o aumento de novas transmissões é frenética, além dos diversos casos de descumprimento da quarentena ou de abuso de autoridade por parte dos policiais. Estamos em isolamento social obrigatório desde 20 de março, que, segundo pronunciamento presidencial, vai durar até 26 de abril. Depois disso, deve começar a haver flexibilização para alguns setores, mas já sabemos que a educação, por exemplo, está fora de questão.

Enquanto estudante de doutorado em período de estágio sanduíche, estar aqui, durante a pandemia, causa sensações ambíguas, flutuantes, mas que eu gostaria de narrar em fases. Ao chegar, e com a circulação social ainda irrestrita, pude participar eventos feministas junto com minha professora supervisora de estágio, Alejandra Oberti, ler e comprar obras relacionados à fotografia e imagens na maior biblioteca da América Latina, *El Ateneo*, e também ir à Biblioteca Nacional *Mariano Moreno*, onde fiz, por um dia, pesquisa referente à ditadura em alguns periódicos catalogados. Foram experiências e oportunidades muito boas e importantes. Depois disso, soube que seria o último dia em que a Biblioteca estaria aberta, já que a orientação era de fechamento de todos os lugares públicos, por tempo indefinido. Ali senti vontade de voltar para casa, pois não parecia haver muito o que eu pudesse fazer em termos de pesquisa. Meu plano de estudos, que envolvia entrevistar mulheres fotojornalistas que cobriram eventos da ditadura militar, que hoje estão com cerca de 70 anos e pertencentes ao grupo de risco da pandemia, além de pesquisa em museus, bibliotecas e participação em grupos de estudos da *Universidad de Buenos Aires*, pareceu estar completamente arruinado. Com o passar dos dias, no entanto, acredito que aceitei o fato de não poder controlar os acontecimentos e busquei me adaptar. E esperar.

Tendo permissão para sair casa apenas para comprar alimento, fiquei feliz ao conseguir um livro via internet, junto com nomes e endereço eletrônico de investigadoras que poderiam auxiliar no desenvolvimento da pesquisa. Então, não exatamente da forma como havia construído o plano de estudos, tenho dedicado algumas horas diárias para a leitura desses livros e também de artigos on-line. Além disso, estou participando das reuniões quinzenais do grupo Políticas da Emoção e do Gênero no Cone Sul, que é coordenado pela professora, e minha orientadora, Cristina Scheibe Wolff, e entrando em contato com algumas investigadoras argentinas.

Junto às leituras, retornei aos antigos projetos artísticos conjuntos e também ao hábito de cozinhar todas as minhas refeições. Estar isolada me proporcionou, ainda, o retorno à prática meditativa. Sem aversão ou avidez às sensações que me chegam, e muito ciente desse privilégio, tenho buscado atravessar o momento com calma e paciência.

Em relação ao Brasil, meu principal recado é: saudades. Sinto saudade de casa, do meu companheiro, da família e da vida ativa na universidade. Mesmo que do outro lado da fronteira, vivo as preocupações que o país enfrenta hoje e que ainda terá que enfrentar. Espero que possamos nos encontrar fortes e muito conscientes daquilo que podemos e não podemos fazer nesse momento. E, assim como espero que o tempo seja generoso com cada um de nós, espero um breve reencontro. **Elaine Schmitt** - Doutoranda no PPGICH. Mestre em Jornalismo e Fotojornalista.

Iniciei meu doutorado sanduíche no dia oito de janeiro. Estou na cidade de Rennes, que fica na bela região da Bretanha, na França. Cheguei com grandes expectativas e é muito bom poder recordar esse período, tão longamente esperado. Recebi (e continuo recebendo) o apoio de meu supervisor, o professor Luc Capdevila, da Universidade Rennes 2. Entre os desafios da chegada - burocracias francesas, idioma, códigos culturais - e a consolidação de um sonho - a experiência de viver um período do doutorado no estrangeiro - comecei a minha pesquisa. Nos meses de janeiro, fevereiro e março, realizei entrevistas para a minha tese, em Paris, acessei centros de documentação e assisti a eventos relevantes para meus estudos. Quando a epidemia de fato chegou na França, em meados de março, ou melhor, quando o governo francês se deu conta da urgência de incluir medidas para combater a pandemia, eu tive que decidir entre ficar ou voltar para o Brasil. Com o incentivo da minha orientadora, professora Cristina Scheibe Wolff, que me apoiaria na decisão que eu viesse a tomar, da minha família e do meu companheiro, decidi permanecer aqui até o final do estágio. Eu não me imaginava voltando. Também contribuiu o fato de estar bem instalada, de ter condições, através da bolsa PDSE, de me manter bem aqui pelos próximos meses.



Luciana na livraria Le Failler (Rennes): retratos de 19 feministas do mundo durante a Jornada Internacional dos Direitos das Mulheres em março de 2020

De lá pra cá, passados mais de quarenta dias, tudo foi se transformando. A sensação de insegurança e a frustração por ter todos os planos modificados tiveram que dar lugar a uma outra atitude: estabelecer uma nova rotina, de forma que fosse saudável, adaptada às restrições de confinamento e de isolamento social. Então estabeleci um cronograma de estudos, considerando os trabalhos de transcrição de materiais e de entrevistas, a organização da tese e a escrita de artigo, atividades que poderia realizar em casa, com um notebook e internet. Mas não tem sido uma tarefa simples estar sempre focada, especialmente em função das notícias que recebo diariamente sobre o Brasil, do avanço da pandemia, do governo do caos, da previsão de maior precariedade na vida das pessoas...Nesses momentos em que a ansiedade tenta se instalar, saio a caminhar pelo bairro onde eu moro. Me deparo sempre com uma primavera que parece que chegou na hora certa, com suas árvores de cerejeira em flor, uma temperatura amena e o sol, que tem estado presente quase todos os dias. Essa é uma das saídas de casa que estamos autorizadas a fazer aqui, de no máximo uma hora, até um quilômetro de distância de onde moramos e com uma declaração sempre em mãos. A partir de onze de maio, o desconfinamento progressivo começará, com medidas certamente bem restritivas. Ainda não temos certeza de como tudo funcionará.

Fico aqui pensando em como será a nova ordem social mundial/global, pra onde estamos indo, o que vamos encontrar lá na frente. Como não há respostas, estou tentando viver o presente, um dia de cada vez, sempre recordando as experiências vividas até aqui, como aquela em que conheci – e que me encorajei a me apresentar, trocar algumas palavras e dar um abraço – em três importantes referências intelectuais feministas: Michelle Perrot, Françoise Thébaud e Geneviève Fraisse. Momentos de aprendizado que têm sido significativos e ainda mais valorizados hoje por mim. Para finalizar, preciso dizer que, nesse processo todo, trocar afetos e manter as redes de apoio com pessoas importantes na minha vida - mesmo que a tecnologia seja a forma de conexão entre nós - é um grande combustível para continuar a minha caminhada.

Luciana Rodrigues Gransotto - Doutoranda PPGICH – UFSC. Bolsista CAPES. Pesquisadora do LEGH - Laboratório de Estudos de Gênero e História/UFSC. *Stage de doctorat sandwich à l'Université Rennes 2 / France*



Natércia Bambirra está em Sevilla - Espanha

Domingo, 26 de abril de 2020
Primavera em Sevilla/Espanha

Escrevo no início de uma tarde chuvosa em Sevilla. Hoje somamos em Espanha 207.634 “casos confirmados” de Covid-19, 98.732 pessoas curadas e 23.190 pessoas falecidas, segundo dados do *Ministério da Sanidad*. A principal medida adotada pelo governo consiste no isolamento social via quarentena. O estado de alarme que deu início a quarentena ocorreu no dia 14 de março.

Em uma segunda-feira (13/04) o governo permitiu o retorno de trabalhadoras e trabalhadores a algumas atividades não essenciais, mas não sem antes lançar um “guia de boas práticas nos centros de trabalho” para o deslocamento, bem como para o ambiente laboral.

A partir de 19 de abril, com o reabastecimento do mercado de produtos higiênicos de prevenção contra o Covid-19, tais como, máscaras, luvas e soluções hidro alcoólicas, o governo informou que tais produtos terão um valor máximo de venda, como proteção aos direitos do consumidor. Recordo que quando foi decretado o estado de alarme os referidos produtos, assim como o papel higiênico, tiveram seus preços aumentados e rapidamente foram esgotados no mercado. Muitas pessoas ficaram sem álcool e sem máscaras.

Ontem o governo anunciou mais uma medida de abertura, desde de 26/04 as pessoas menores de 14 anos podem sair às ruas, desde que na companhia de uma pessoa adulta, uma vez por dia, durante até uma hora e no entorno de casa (até uma distância máxima de 1km).

Por aqui há muitas críticas sobre as ações do governo no combate ao vírus. O maior esforço para conter o contágio vem sendo protagonizado pela população – que é quem de fato está confinada e se mantém em quarentena.

Em relação ao PDSE, tenho realizado as leituras que o professor que supervisiona o estágio doutoral na Universidad Pablo de Olavide havia indicado, seguindo com o roteiro de atividades que havíamos estabelecido antes da quarentena. A proposta é que escrevamos um artigo conjunto.

A minha ansiedade se agiganta a noite, me tira o sono e furtivamente se instala em meus pensamentos. Durante o dia as leituras do doutorado sanduíche e a escrita da tese – o compromisso firmado diariamente

com as sujeitas de minha pesquisa e as leituras para a construção do diálogo entre o campo de estudo e o que já foi escrito sobre o campo –, tem me mantido no presente, com uma tranquilidade relativa e esperança.

43 – esse é o número de dias de confinamento. Tenho refletido muito sobre mim mesma, sobre meu lugar no mundo, o trabalho que desenvolvo e também sobre as interações, produções e saúde por esses tempos.

Não me sinto só. Divido apartamento com uma argentina e a maioria das pessoas que pude conhecer, nas duas semanas que marcam a minha chegada e o início da quarentena, é da América Latina. Com essas pessoas tenho construído minha identidade latina e ampliado a minha bagagem cultural, a partir de um *status* de “*outsider within*” (COLLINS, 2016). Juntas resistimos.

Tenho acompanhado como a tecnologia de maneira contraditória encurta distâncias e “aquece” saudades. Amar por esses tempos é simultaneamente um ato de suprema coragem que teve de ser ressignificado, e um ato temeroso. Algumas das expressões do amor, como a presença, o toque, os beijos e abraços são arriscados, estão proibidos, e se ocorrem, quando ocorrem, são clandestinos.

Percebo o privilégio do confinamento, mas na posição de estrangeira vivo/sinto a minha vulnerabilidade. As incertezas de estar no país que hoje é o epicentro do covid-19 na Europa, o fechamento de fronteiras e o desafio em si de estar em quarentena. Observo que o cuidado nem sempre está presente no diálogo do espaço em que vivo com suas e seus residentes, tendo em vista que grande parte das pessoas que nele se encontram são de outros países e que algumas dessas pessoas não podem voltar para suas casas.

À minha terra latina, brasileira, envio as melhores energias: somos “*américa latina! Un pueblo sin piernas pero que camina*” (CALLE 13, 2010). Que esses dias incertos permitam uma maior proximidade das ciências e da sociedade, que não esqueçamos que os movimentos sociais do campo seguem lutando para que não falte comida na mesa e produzindo álcool para distribuir às gentes. Que não esqueçamos quem está na defesa para que haja água nas torneiras e repasse de recursos para quem necessita. Que lutar pelo SUS e pelo aumento de investimentos na área da saúde seja parte de nossa rotina e que estejamos sensíveis para quem executa trabalhos essenciais, bem como em sua valorização. No mais, “vai passar!” À mátria querida, aquele abraço!

Referências:

1 COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. Revista Sociedade e Estado – Volume 31, Número 1 Janeiro/Abril 2016.

2 CALLE 13. Latinoamérica. 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DkFJE8ZdeG8>>. Acesso em 26 abr. 2020.

Natércia Ventura Bambirra - Doutoranda do PPGICH/UFSC. Bolsista CAPES. Pesquisadora do NUSSERGE. Em Doutorado Sanduíche na Universidad Pablo de Olavide/Espanha

Pós-Doutorado com Experiência no Exterior (PDEE)

Correm tempos difíceis. São muitas as questões sobre as quais começamos nos interrogar no meio dessa avalanche de informação que circulam nos últimos meses através das redes sociais e os grupos dos quais participamos. Esses espaços virtuais constituem a única forma de contato que temos com o “exterior” e com nossas amigas e familiares e, ainda sem conseguir refletir e encontrar respostas às nossas interrogantes, vemo-nos obrigadas/os a fazer-nos outras, a reformular as anteriores, inclusive a mudar as respostas que tínhamos certeza de ter encontrado. A incerteza se instaura assim como a (minha) principal companheira e, ao mesmo tempo, o recurso principal para a problematização.

No meio deste cenário, se desenha sem dúvidas um panorama as vezes angustiante, por vezes esperançoso, mas claramente heterogêneo. Uma heterogeneidade que se dá não apenas em termos de diversidade de experiências e vivências individuais, mas de gestão política da epidemia nos diferentes territórios e de recursos/iniciativas de resistência frente à pandemia e aos (des) governos.



Claudia é de Cuba e faz seu Pós-Doc na UFSC

Começo a pensar assim no Covid, numa extensão do seu sentido, não apenas como um vírus, mas como um evento-ferramenta para repensar categorias e campos de atuação profissional, as formas de intervenção (políticas, econômicas, sociais) e as metodologias de pesquisa tal como as conhecíamos e utilizávamos.

Sob estes pressupostos, sinto-me convocada a escrever, num primeiro momento, no intuito de refletir sobre uma ideia de “gestão da pandemia” que vai além das intervenções biomédicas onde intervém apenas o pessoal da saúde e os políticos. Esta perspectiva, no seu caráter excludente, tem sido usada para reforçar a ideia de “inutilidade” das ciências sociais e humanas, e para legitimar as políticas de desabilitação, implementadas através do desfinanciamento à pesquisa e às intervenções desde estes campos de atuação. Esta é uma situação que embora não seja nova, encontra um campo de possibilidades nesta conjuntura, que parte de uma ideia da pandemia como uma ameaça sanitária e de saúde apenas, e não como fenômeno de caráter social. Isso a apesar dos esforços de inúmeros profissionais por mostrar que a pandemia requer de uma abordagem multidisciplinar. Essas reflexões levam-me simultaneamente a problematizar sobre outras pandemias espalhadas e agudizadas pelo Covid: a da desigualdade, o preconceito e a vulnerabilidade. As quais acabam se espalhando, inclusive, a través das próprias políticas públicas e estratégias focadas no seu enfrentamento.

Claudia Lazcano - Pós-Doutoranda PPGICH/PrInt Capes. Doutora em Psicologia/UFSC.

Jovem Talento com Experiência no Exterior (JTEE)



Deborah vivia na Suíça e volta para pesquisar no Brasil

É um tanto curioso estar de volta “em casa”, em um momento em que a pandemia impacta significativamente a mobilidade humana ao redor do mundo. Dediquei os últimos anos da minha vida a pesquisar como a mobilidade internacional afeta a vida das pessoas e, em particular, como famílias migrantes conseguem se adaptar a diferentes países enquanto preservam um certo grau de mobilidade (e desenraizamento) em razão da próxima mudança de país. Meu interesse sempre esteve na articulação entre o contexto sociocultural e a experiência subjetiva da mobilidade. Assim, eu procurava compreender como diferentes contextos socioculturais criam as condições de possibilidade para se viver uma vida mais móvel, mais itinerante; e como as pessoas conseguem criar um senso de continuidade de si para além dessas mudanças constantes.

E foi exatamente nesse contexto crescente de práticas globais conectadas, que o vírus SARS-CoV-2 conseguiu se espalhar tão rapidamente desde sua origem em Wuhan para o resto do mundo, ameaçando desfazer uma das forças vitais da modernidade - a mobilidade.

De uma forma quase paradoxal, para podermos circular novamente, devemos permanecer “imóveis”, e reduzir ao máximo a mobilidade humana para retardar a propagação do vírus. E eu, que vim da Suíça para o Brasil para dar continuidade ao meu trabalho sobre «mobilidade internacional repetida», me deparei com uma nova normalidade se estabelecendo, onde o permanecer “imóvel” tornou-se mais importante. Por isso, decidi reestruturar meu projeto de pesquisa e incluir a situação atual da pandemia de COVID-19, para compreender como as pessoas, mais especificamente os imigrantes recém-chegados em Santa Catarina, estão enfrentando o distanciamento e o isolamento social.

Este é um território desconhecido por todos nós; é a primeira vez em que um mandato de distanciamento social se tornou a norma global. Não obstante, para os imigrantes, especialmente os recém-chegados, que carecem de redes sociais locais, e convivem com a incerteza adicional quanto ao seu futuro no país, essa situação é ainda mais grave. Nesse processo de reestruturação da pesquisa, desafios metodológicos vêm surgindo. Conduzir uma pesquisa desse tipo on-line não tem sido nada fácil. Quando eu entrevistava as “famílias móveis” na Suíça, e elas abriam as portas de suas casas para mim, se abria também uma nova perspectiva sobre os contextos nos quais elas viviam, sobre como é ser imigrante numa vila remota nos Alpes, ou no bairro de *Paquis*, em Genebra. Agora, esse cenário está restrito ao cômodo de uma casa, visto através da tela do computador. Esse processo repentino de redução das nossas esferas de experiência imediata traz à tona a importância da imaginação, como meio de transitar de forma distal entre lugares familiares, que deixamos para trás, e novos possíveis. Assim eu espero poder adentrar os lares on-line dos imigrantes recém-chegados em Santa Catarina, e contribuir para compreensão dos impactos psicossociais do distanciamento e isolamento social.

Déborah Levitan - Professora Jovem Talento no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP/UFSC). Especialista em Migração em Mobilidade pelo National Center of Competence in Research (nccr - on the move), Suíça. *MSc in Social and Cultural Psychology pela London School of Economics and Political Science*, Reino Unido. *PhD in Psychology pela Université de Neuchâtel*, Suíça.

A epidemia da distância social entre Brasil, Suíça e Itália

No contexto global da pandemia de Covid-19 estamos sujeitas a mensagens mais ou menos unificadas, mas que diferem dependendo dos dispositivos e lógicas nacionais. Em 11 de março de 2020, quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou "uma pandemia mundial", eu, pesquisadora italiana residente na Suíça, tinha acabado de desembarcar em Florianópolis, Brasil. Daria início a uma pesquisa de seis meses na UFSC, entretanto me deparei com a suspensão de atividades científicas, sociais e coletivas em todo o Brasil.



Michela durante sua viagem de retorno do Brasil para a Suíça, em plena pandemia

Enquanto isso, da Itália meu pai explica que desde 23 de fevereiro, todo mundo fica isolado em casa, com restrições mais severas a cada semana. O anúncio da pandemia no Brasil chega com um eco fraturado, em meio à zombaria do presidente Jair Bolsonaro, que invoca "Histeria por uma

pequena influência" e ortodoxia de uma moral higiênica, defendida por especialistas em saúde pública e científica, cientes de que o país não poderá absorver uma crise de saúde desse tipo. Diante das contradições transmitidas pela mídia e da discrepância de sensibilidades políticas em relação às prioridades coletivas, em um país onde as desigualdades são extremas, me vejo inicialmente confinada por cinco dias, que depois passam a ser catorze. Como "estrangeira" sou colocado em quarentena. Basicamente só vou pôr os pés na universidade para descobrir que os escritórios estão fechados.

É sexta-feira, 13 de março. Durante essa primeira fase de contenção posso sair, as regras de higiene e segurança estão sendo implementadas, ainda me mexo livremente. Frequento espaços abertos e locais públicos, vou ao restaurante. Ninguém usa máscara, faz calor, os habitantes de Florianópolis vão à praia. Enquanto isso, de Lausanne (Suíça) me informam que as escolas fecharam e que estão se preparando para trabalhar em casa. Passo o fim de semana na praia, quase esqueço essa pandemia, ou pelo menos tento.

Novos arranjos passam a ser feitos na segunda-feira, 16 de março: as aulas nas universidades estão suspensas, assim como seminários e reuniões. No dia seguinte fecham escolas, teatros e até o município. Somente atividades comerciais ainda permanecem abertas. Na entrada dos supermercados, você desinfeta as mãos com álcool, entram apenas cinco clientes por vez (o restante espera na fila). Diz-se que a distância social não é especificada em centímetros ou metros, e para evitar o contato os cumprimentos são sem beijos e abraços, sem toque de mãos. Em resumo, todos são convidados a permanecerem distantes e desapegados. Sem dúvida, é essa nova liminar que causa ansiedade para muitos, que experimentam esse desapego social como um isolamento psicológico, um abandono a si mesmos, à condição individual de vulnerabilidade. Todos estão sozinhos diante do vírus, enfrentando a ameaça da doença, enfrentando uma potencial complicação. Essa solidão é expressa no *hashtag* "fica em casa", o equivalente ao italiano "*resto a casa*" e ao "*restez chez vous*", da Suíça de língua francesa.

O corpo social e nacional está desmoronando. Em algumas partes do Brasil, as pessoas continuam a sair para trabalhar: "é apenas uma pequena influência", diz o chefe de governo, e sua fala ecoa, enquanto que parte da população fechada em casa grita voluntariamente pelas janelas: "Fora Bolsonaro". Os contágios aumentam, fico sempre de olho no mapa elaborado pela Universidade Johns Hopkins, alternando entre dados sobre o Brasil, Suíça e Itália.

É quinta-feira, 19 de março. No final do dia, o prefeito de Florianópolis fecha as praias. Naquela manhã eu tinha ido caminhar, o que me permitiu liberar a ansiedade que havia aberto espaço durante a noite. Ao acordar liguei para o Departamento de Relações Exteriores da Suíça. No site eles convidam

cidadãs/ãos e residentes suíços a voltar rapidamente, pois as fronteiras fechariam em breve. Falo ao telefone com um funcionário, pois como havia planejado uma estadia de seis meses, me pergunto quanto tempo essas medidas durarão. Incerteza. Estou com medo, pois uma autoridade suíça raramente responde com a firmeza que ele expressa: "É uma emergência planetária, ninguém sabe quanto tempo vai durar". De fato, é evidente. Mas eu havia quebrado essa emergência em lugares geográficos, fronteiras e estatísticas, em mapas virtuais das infecções e dos meus movimentos: minha experiência não foi unificada. Do Brasil, me senti longe de Covid-19 e, partindo, não imaginava que a epidemia tivesse assumido essas dimensões.

Eu ligo para meu pai e milhares de quilômetros de distância chegam a zero: sua voz clara e estreita me atualiza sobre a situação italiana. Ele diz que já não saem de casa não apenas por medo, mas porque é proibido. O exército é mobilizado, patrulhas policiais monitoram os movimentos de pessoas nas ruas, sanções são atribuídas àquelas que se deslocam sem certificação válida para compras, assistência a pessoas doentes, exame médico, atividade profissional. Meu pai, aposentado e recentemente viúvo, pode sair para apenas uma delas, movido pela necessidade ir às compras para poder se alimentar. Ele usa máscara, luvas e desinfetante. Eu acho que ele exagera, mas não é bem assim. Aqui no Brasil, o número de infecções ainda é baixo, mas na Itália crescem dramaticamente, com centenas de mortes por dia. Esses números fazem o Brasil tremer. Em Florianópolis as pessoas começam a reabastecer, as prateleiras vazias nos vídeos que viralizam são suficientes para reativar a memória da greve dos caminhoneiros, que ocorreu em 2018, e deixou os supermercados vazios por semanas.

Sexta-feira 20 de março, manhã. Pela primeira vez eu me levanto em silêncio. Não há carros, não há ninguém lá fora. Ouvimos pássaros cantando, é o Bem-te-vi (uma espécie local, me informa minha colega de quarto). Eu ligo para Lausanne, me pergunto o que devo fazer, qual é a "distância certa" que devo adotar: aquela em direção aos meus projetos acadêmicos, ou a direção das minhas obrigações familiares? A distância que me separa dos meus entes queridos ou a que me protege do risco de permanecer em um país cuja insegurança na saúde é relatada? Enquanto isso, na Itália todo mundo continua em casa. Na Suíça pode-se sair mantendo uma distância social de dois metros um do outro. No Brasil estão sendo feitos preparativos para a contenção radical.

As fronteiras suíças fecharão em 23 de março, informaram-me. Um voo final é disponibilizado de São Paulo para Zurique nessa data. Então eu decido: é hora de voltar. Afasto-me deste novo e promissor lugar, onde me preparava para ficar por meses. Coloquei meu entusiasmo de volta na minha mala e, como todo mundo, também me retiro para me trancar em casa. Falarei por telefone e por videochamada, experimentarei essa contenção nacional que nacionaliza o direito à saúde (cada estado trata seus próprios pacientes). A distância é grande entre os vários países e as várias experiências, mas raramente estamos tão conectados uns aos outros. Lausanne, Suíça, 14 de abril de 2020.

Michela Villani – Professora Jovem Talento no PPGICH/UFSC. Universidade de Friburgo, Suíça.



Professora Visitante no Brasil (PVB)

As atividades da professora visitante Alejandra Oberti, Doutora em Ciências Sociais da Universidade de Buenos Aires (UBA) foram adiadas por tempo indeterminado, devido à situação da pandemia. Havia uma grande expectativa com sua estada na UFSC, mas no momento adequado será proposto um novo calendário.

PROPG suspende processo seletivo 2020 e orienta ações durante a pandemia



A Coordenadoria de Internacionalização (CIN/PROPG) da UFSC suspendeu o cronograma dos editais de 2020 e publicou em 16/03/2020 instruções para o PrInt durante a pandemia do Covid-19, descritas abaixo:

1. As bancas de defesa de pós-graduação deverão ser realizadas por meio de videoconferência.
2. Estão suspensas as ações de mobilidade de estudantes e docentes nacionais e estrangeiros.
3. Os programas de pós-graduação que têm em suas grades curriculares atividades de aula e/ou laboratório com professores oriundos de outros países, na impossibilidade de sua realização remota, deverão suspê-las até segunda ordem.
4. As reuniões entre os membros dos projetos, seja para processo seletivo ou outras atividades, deverão ser realizadas por videoconferência.
5. Futuramente será feito com a CAPES um novo calendário de mobilidade.

Durante a quarentena a CIN/PROPG atende pelo e-mail cin.propg@contato.ufsc.br.

Pesquisas do PrInt são mantidas e adequadas à realidade da quarentena



As atividades do Subprojeto “Práticas culturais, educação e direitos humanos: violências, gênero, diversidade” que envolvem pesquisadoras JTEE e PDEE na UFSC vem sendo realizadas. O acompanhamento coletivo se realiza por videoconferências semanais, onde participam Claudia Lazcano, Deborah Levitan, Michela Villani, Vera Gasparetto e as supervisoras, professoras Andrea Bousfield (PPGP) e Miriam Grossi (PPGAS/PPGICH).

As pesquisadoras estão adequando seus projetos ao contexto atual, buscando alternativas para a realização do trabalho de campo on-line, inserindo reflexões sobre os impactos da pandemia nas populações pesquisadas e construindo caminhos coletivos para a pesquisa nesse momento de afastamento social.

PROJETO

Novo coronavírus e crianças: escreva uma “Carta de Quarentena”

Apresentamos aqui o projeto da pesquisadora JTEE do PrInt, Michela Villani, que é direcionado a compreender as formas como as crianças estão enfrentando a quarentena. Confira e compartilhe em suas redes:

Durante este tempo de confinamento, os nossos hábitos mudaram! A gestão do tempo e do espaço foi perturbada: escolas fechadas, sem amigos e amigas em casa, distância dos vizinhos e vizinhas obrigatória... tudo está estranho! Como você está vivendo neste momento em casa? Quer saber como outras crianças em outras partes do mundo estão passando pela quarentena? Então participe deste projeto e escreva uma carta!



O que é o projeto? O projeto "Carta de Quarentena" consiste em escrever uma carta contando como você está vivendo este tempo em casa. A carta será lida por outras crianças, fazendo uma troca de cartas, onde cada participante envia e recebe uma carta!

Esta é uma promoção da Universidade de Santa Catarina, Brasil, onde uma pesquisadora terá acesso às cartas e irá escrever sobre como as crianças estão entendendo a vida diante do novo coronavírus.

Quem participa? Crianças entre 5 e 12 anos de idade que vivem na Suíça, Itália, Brasil ...e em outros Países podem participar!

O que é que tenho de fazer? Você pode escrever uma carta, uma página, duas, três, como quiser! O formato é livre. Você pode desenhar ou colar pedaços de jornal que você cortou durante esses dias. Prefere contar o seu dia num vídeo? Por que não?! O seu negócio é a fotografia e quer fotografar onde você fica em casa ou o espaço da sua casa? Isso é ótimo!

Algumas pistas...

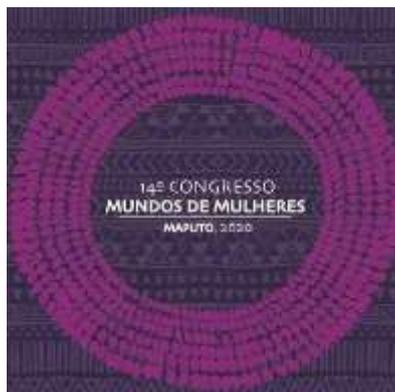
Fale-nos, por exemplo, como o coronavírus é para você:

- conte (ou desenhe) o seu dia típico, o que faz, o que não pode fazer, etc.;
- descreva, desenhe ou fotografe a sua casa, os seus lugares preferidos, o que vê pela janela;
- fale dos seus sonhos, dos seus medos, das suas emoções;
- imagine o "depois": o coronavírus vai acabar, não é?
- explique o que sabe sobre o coronavírus, o que ele faz e porque está lá.

A quem devo enviar? Dependendo do formato escolhido, papel (desenho, colagem, carta) ou documento eletrônico (vídeo, fotos), pode enviar a sua criação, até 31 de maio 2020 pelo e-mail: contact@michelavillani.com Ou WhatsApp: +41 76 376 38 98.

E, no final, a que é que se resume? O projeto promove a comunicação entre as crianças e permite que elas troquem experiências e informações sobre o Covid-19 por meio da troca internacional de cartas. A troca de cartas continuará de maneira autônoma entre as crianças, e a primeira carta enviada para mim será utilizada para pesquisa e valorizada numa publicação coletiva (para as quais serão fornecidas mais informações às/os responsáveis).

14º Congresso Mundos de Mulheres adiado para 2021



A Comissão Organizadora do 14º Congresso Mundos de Mulheres (MM), dirige-se às pessoas de todo o mundo, interessadas em participar do evento, previsto para ser realizado de 21 a 24 de Setembro de 2020, em Moçambique. Tomando em conta o cenário de incertezas devido ao rápido alastramento da pandemia provocada pelo novo coronavírus (covid-19), realizamos consultas a diferentes grupos, movimentos, instituições nacionais, regionais e internacionais, e tomamos a decisão de ADIAR o evento para Setembro de 2021.

A Comissão Organizadora continua os preparativos do evento e a Comissão Científica está a analisar todas as propostas enviadas e entrará em contacto com as/os proponentes das Oficinárias para mais informações.

Manifestamos a nossa solidariedade com as mulheres que em todo o mundo vivem e lutam contra a pandemia e que irão ser, mais uma vez, em particular nos países pobres, um dos grupos que mais irá sofrer com o impacto do covid-19.

PROPG incentiva formação de delegação da UFSC para 14º Congresso Mundos de Mulheres

A Pró-Reitoria de Pós-Graduação (PROPG) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) incentiva ações para a organização da delegação brasileira que irá participar do 14º Congresso Mundos de Mulheres, em 2021, na Universidade Eduardo Mondlane (UEM), em Maputo, no Moçambique.

A Comissão Pró-Moçambique 2021, do Instituto de Estudos de Gênero (IEG), está mobilizando pessoas interessadas para integrarem o grupo da próxima edição. O tema do evento é “FeminismoS AfricanoS – construindo alternativas para as mulheres e para o mundo através de um corredor de saberes que cuida e resiste”.

O Mundos de Mulheres (MM) é um evento internacional e interdisciplinar que congrega diferentes áreas da academia de todo o mundo. O encontro tem como objetivo principal a criação de um espaço de debate amplo para refletir e dialogar sobre ações e experiências, além de questionar e (re)construir paradigmas a partir de perspectivas diferentes e interdisciplinares.

A PROPG manifesta apoio público à iniciativa de organização da delegação; estimula a participação e o financiamento de pós-graduandas(os) interessadas(os) em apresentar trabalhos no evento; apoia a participação de docentes e técnicos administrativos; e contribui junto à Embaixada de Moçambique para facilitar os trâmites do visto.

Para mais detalhes, no site www.ieg.ufsc.br ou pelo e-mail comissapromocambique@gmail.com



DOSSIÊ DA REF

O Subprojeto apoiou a edição do Dossiê “Mundos de Mulheres 2020: pensamentos feministas Afro-Moçambicanos”, que será publicado em breve pela Revista Estudos Feministas (REF), no número 1 de 2020.

PARA ENTENDER

O Projeto Institucional de Internacionalização da UFSC desenvolveu-se através do [edital conjunto](#), que visava a mobilização dos Programas de Pós-Graduação para a construção de subprojetos interdisciplinares (com a participação mínima de três programas de pós-graduação e demais requisitos exigidos pela Capes) e aderentes ao Plano Institucional de Internacionalização da UFSC.

O Subprojeto “Práticas culturais, educação e direitos humanos: violências, gênero, diversidade” é liderado pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH), e tem como participantes o Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP), o Programa de Pós-Graduação em Literatura (PPGLit) e o Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica (PPGECT)

EXPEDIENTE



Universidade Federal De Santa Catarina

Subprojeto “Práticas culturais, educação e direitos humanos: violências, gênero, diversidade”

Boletim do PrInt - Maio de 2020

Coordenadora do Subprojeto: Cristina Scheibe Wolff

Assistente da Coordenação do PRINT e editora do Boletim: Vera F. Gasparetto (Pós-Doutoranda PPGICH/EGE - IEG/Bolsista PNPd/Capes)

Criação da Logomarca: Vinicius Pauli (Estudante de Design – UFSC)

Telefone: (48) 37219405

Email: ppgich@contato.ufsc.br – printppgich@gmail.com

Site: <https://ppgich.ufsc.br/print-projeto-de-internacionalizacao/>